



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 28

Jesus prediz a divisão iminenteⁱ

Texto-base: Mt 21.18 – 22.14

Não podemos esquadrihar todas as facetas da próxima seção (21:18-22:14) muito profundamente; mas mesmo uma ligeira leitura desses parágrafos nos convencerá de que a ênfase principal do ministério de Jesus naquele momento era proclamar que a divisão que estava ocorrendo em relação a Ele era tanto esperada como explicável.

A maldição da figueira (21:18-22) apresentou várias lições, mas a lição que nos concerne aqui examina a atitude de Jesus em relação a hipocrisia religiosa. As figueiras produzem figos verdes (comíveis, porém não muito agradáveis) e então as folhas caem quase que imediatamente depois. Por isso uma figueira com folhas normalmente anuncia que ela possui frutos. Os figos mesmos não são comidos até junho, mas a árvore exposta ao lado sul e protegida poderia muito bem anunciar sua produção uns dois meses antes.

Atraído pelas folhas (veja Marcos 11:13), Jesus Se aproximou da árvore mas não encontrou nada a não ser folhas (Mateus 20:19). Aparentemente este foi um dos casos raros onde os figos verdes haviam caído, sem amadurecer, deixando apenas a folhagem. É claro que se fosse a estação de figos, Jesus poderia ter andado até a próxima árvore e lá saciado Sua fome. Mas neste período do ano, somente uma figueira rara estaria com folhas - e esta em particular era culpada de anúncio enganoso! Aproveitando a oportunidade de salientar um ponto especial, Jesus amaldiçoou a árvore - e ela secou.

Além das lições sobre a fé (21:21,22), é difícil não ver neste milagre uma advertência severa. A árvore não foi amaldiçoada simplesmente por não ter frutos, menos ainda porque Jesus estava exaltado. O ponto era que a árvore anunciava com suas folhas que estava produzindo frutos, quando na realidade ela não estava. Jesus não encontrou nada a não ser folhas. A maldição da árvore tornou-se um modelo que pronunciava julgamento sobre hipócritas religiosos - pessoas que exibiam piedade mas não produziam nenhum fruto genuíno de piedade. A conexão com os versículos antecedentes é óbvia; e o tema ocorre constantemente neste Evangelho (veja também 6:2,5,16; 7:5; 15:7; 22:18 e estamos chegando até 23:1-39).

Ainda irritados, os principais sacerdotes e anciãos do povo exigiram saber com que autoridade Jesus dizia e fazia todas essas coisas (21:23). Jesus respondeu com uma pergunta própria, prometendo responder se eles primeiro respondessem a Ele: “Donde era o batismo de

João? (o seu ministério como um todo, que enfatizava um ato público de batismo) Era do céu ou dos homens?” (21:25).

Esta não era uma brincadeira barata, uma lamúria que dizia: “Vocês jogam o meu jogo e eu jogarei o de vocês”. Nem sugere que se os governantes não conseguissem decidir-se sobre João Batista, eles com certeza não seriam capazes de se decidirem sobre Jesus. O desafio era muito mais profundo, como os líderes religiosos perceberam instantaneamente.

Se eles respondessem, “Do céu”, então Jesus, é claro, perguntaria: “Então por que não creram nele?” - e parte de crer em João era crer que o testemunho dele sobre Jesus era verdadeiro! Nesse caso os líderes religiosos teriam respondido sua própria pergunta. Mas se eles respondessem, “Dos homens”, teriam se dado mal com a opinião pública, a qual tinha João Batista em alta estima como profeta.

Mas neste caso as autoridades revelariam o mesmo pauperismo moral demonstrado por Herodes (14:5). Se eles decidissem questões de tão grande importância com base no que a opinião pública os permitia fazer para se safarem, eles seriam indignos de tomar estes tipos de decisões, e Jesus não os teria dado uma resposta. Eles levantaram a questão da autoridade de Jesus; pela Sua resposta, Ele levantou a questão da competência moral e espiritual deles para julgar tal questão. A divisão entre Jesus e as autoridades religiosas judaicas estava não apenas se tornando mais clara, mas também insuperável.

As três parábolas seguintes prenunciam a divisão do que estava para acontecer. O ponto da parábola dos dois filhos (21:28-32) é que embora a escória da sociedade, os degenerados moralmente, comecem dizendo não a Deus, muitos no final de contas se arrependem, obedecem e entram no Reino. Em contraste, as autoridades religiosas fazem uma grande demonstração dizendo sim a Deus, mas não fazem o que Ele ordena, não se arrependem, e portanto não entram no Reino (as palavras “vos precedem” em 21:31 são, na opinião de alguns estudiosos, uma tradução errada, e que por isso deveriam ser omitidas).

A parábola dos lavradores maus (21:33-46) retrata uma sucessão de julgamentos malignos realizados pelos lavradores, até chegarem ao ponto de matarem o filho do proprietário. Mas muitas vezes tem sido a vontade de Deus exaltar como líderes aqueles que os outros rejeitam. Esse é o ponto de Salmo 118:22,23 - citado em Mateus 21:42. Se a pedra no Salmo aponta para Davi - que foi desprezado por Golias, sua própria família, e mesmo por Samuel, contudo que foi um dia ungido rei por Deus - ou se aponta para Israel - desprezado pelas mais poderosas nações vizinhas, todavia escolhido por Deus - não é importante; pois no final de contas é Jesus que restabeleceu Israel como o verdadeiro Filho de Deus (veja comentários em 2:15 no capítulo 1 deste livro). E é Jesus que foi rejeitado como o líder por direito; mas Deus ainda O tornaria a pedra principal.

Isso significa inevitavelmente que as autoridades religiosas judaicas e outros que rejeitaram a autoridade de Jesus como o Filho do “proprietário” eram os lavradores maus que um dia seriam esmagados. O papel que as autoridades judaicas tiveram na mediação do governo de Deus (Seu Reino) para o povo seria tirado deles e dado a outros (21:43). Os principais sacerdotes e os fariseus entenderam que a parábola era referente a eles.

Finalmente, na parábola do banquete de casamento (22:1-14), é importante reconhecer que o convite do rei não apenas conferiu honra aos convidados, mas foi equivalente a uma ordem. Rejeitá-lo seria não somente rude, porém rebelião. Adicionando injúria ao insulto, aqueles que foram convidados nesta parábola não apenas rejeitaram o convite, mas chegaram ao ponto de maltratarem e matarem os mensageiros do rei. Enfurecido por este ataque à Sua honra, o rei eliminou os rebeldes (22:6,7).

Mas o desejo do rei de atribuir honra ao filho tinha que ser satisfeito, e então o salão das bodas foi repleto de estranhos em vez de cancelarem a festa. Isso não quer dizer que esses novos convidados tivessem o direito de vir de forma não apropriada (22:11-13) mas significava que o grande banquete de casamento (um símbolo comum para o fim dos tempos) seria celebrado não pelas pessoas mais indicadas para desfrutá-lo (os judeus, o povo do antigo pacto de Deus) e sim, por pessoas relativamente estranhas. Talvez o mais chocante de tudo é que a introdução à parábola, traduzida rigorosamente, significa “O reino dos céus tem se tomado como um rei que...”.

O reino já havia se tomado como a história seguinte. Os convites já haviam sido enviados, as rejeições categóricas já haviam ocorrido, e o convite mais amplo já havia sido estendido.

Em resumo, Jesus previu e até mesmo predisse as divisões que iriam separá-LO de muitos do Seu próprio povo.

ⁱ Esta lição corresponde à segunda parte do capítulo 10 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).